

COMUNICADOS DO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Existem raças zebus leiteiras

RESULTADOS DE EXPERIÊNCIAS FEITAS COM A RAÇA SINDHI

Prof. Raul Briquet Junior
Engenheiro-Agrônomo

Muito se tem falado entre nós, recentemente, a propósito do zebú para leite. Criado essencialmente para carne, o zebú tem sido agora, aqui e nos Estados Unidos, quanto às possibilidades de fornecimento essencial de leite.

No que toca ao nosso problema, julgamos que, havendo já na Índia raças ou variedades locais leiteiras, devemos importá-las a fim de estabelecer os nossos plantéis leiteiros iniciais. E' sabido que a produção de leite ou de manteiga é genética, isto é, dependente de genes. Aproveitar linhagens que já concentrem alta dosagem dos genes controladores dessa produção é caminho mais acertado do que tentar isolá-las ou formá-las a partir de nosso heterogêneo rebanho zebú.

Existem na Índia, além das raças nossas conhecidas, pois para cá foram trasladadas (Nelore, Guzerá, etc.), muitas outras, entre as quais algumas que são geneticamente mais constituidas para a produção de leite. Entre estas, figura em primeiro plano a chamada raça Sindhi vermelha que, nas condições criatórias das fazendas oficiais indianas, produz, em média, 10-12 litros de leite, num período de lactação de 10 meses. Tais algarismo são notável contraste com o nosso zebu médio, no qual não só é baixa a produção, como curto é o período de lactação. Tais raças leiteiras indianas possuem, ainda, as características gerais de adaptabilidade as condições tropicais de criação.

O Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, importou, há algum tempo, dois touros e duas novilhas Sindhi para

cruzar (hibridar) com gado leiteiro fino, nas regiões sub-tropicais daquele país. Os resultados dos primeiros cruzamentos (ou melhor, das primeiras hibridações), obtidos com Sindhi x Suíça, Sindhi x Jersey, Sindhi x Holandesa foram os mais promissores, tanto em quantidade de leite como em percentagem de gordura.

Atualmente já existem perto de 100 mestiços (híbridos) como o Sindhi nos Estados Unidos, e os trabalhos prosseguem a fim de se obterem produtos 3/4 e outros "graus de sangue" para se estabelecer quais os de constituição melhor para as condições criatórias das regiões sub-tropicais norte-americanas.

Não seria interessante seguirmos esse mesmo caminho, palmilhado por quem só nos tem dado lições em matéria de criação?

Vacas mais mansas, mais sadias, mais produtivas

Octavio Domingues

O trato ou penso dos animais é uma prática tão importante ou quase tanto quanto a alimentação. Pois toda a vez que se procura experimentar o valor do penso, por exemplo em vacas leiteiras, verifica-se imediatamente sua influência na produção de leite: as vacas não pensadas baixam sua produção. Caso o criador incrédulo deseje certificar-se, por si mesmo, é só promover uma pequena experiência com seu gado, fazendo dois grupos de vacas (5 a 10 cada um) e submetendo um deles ao penso rigoroso, e deixando o outro entregue ao sujo. Dentro de duas semanas, se tiver feito o registo da lactação de cada vaca, verificará ter havido uma "quebra" na lactação das vacas não submetidas ao trato, enquanto as outras mostrarão um acréscimo na produção — ou manterão o mesmo nível na lactação (se outros fatores supervenientes não entrarem em jogo, como a afetose, por exemplo, ou a falta de farelo...):

VACA SUJA E' IGUAL A LEITE SUJO

E' que a escova, a raspadeira, a água e o sabão exercem — uma ação benéfica sôbre a pele, sôbre a fisiologia geral do animal — refletindo-se sôbre a atividade das glândulas (inclusive as glândulas de secreção interna, de marcada influência sôbre a formação do leite), e consequentemente sôbre o apetite, — sôbre a saúde e sôbre a produção. E ainda sôbre a qualidade do leite. Vaca suja produz leite sujo...

O estado da pele é um espelho da saúde do animal — eis um velho postulado, que a tradição guardou. A pele e os pêlos limpos são um fator de saúde, do animal, e uma garantia de higiene do leite ordenhado.

Os instrumentos para o penso dos animais são a raspadeira, a escôva de raiz, a escôva de clinas, a esponja ou o chumaço para ensaboar e lavar, e o pano, para enxugar.

Começa-se passando a raspadeira. Seguem-se as escôvas para terminar a limpeza da pele e dos pêlos, tirando-lhes a poeira e os pêlos cadentes. O sabão e a água entram em ação, depois, para lavar e tirar o sujo da lama ou dos excrementos sôbre os quais o animal se deitou.

O ubre e a cauda devem merecer particular atenção no pensar-se uma rês. São as regiões de cujo asseio depende muito a higiene do leite. Não há leite limpo de um ubre sujo e de uma vaca de cauda excrementícia.

INFLUÊNCIA SÔBRE A MANSIDÃO

E há mais uma vantagem, ainda. A escôva é um instrumento eficiente de amansamento dos animais domésticos. Quando, nas exposições, deparo com um animal indócil — quase sempre é que êle nunca viu escôva...

Passa a trilhadeira nas suas vacas, passe a escôva, lave-as quando sujas. Assim estará tornando-as mais mansas, mais saídas, mais produtivas.

Qualidade do bom ordenhador

Darwin de Rezende Alvim

Zootecnista da Fazenda de Criação
do Vale do Rio Doce

O que há muito por aí afora, nas fazendas de criação de gado leiteiro, é “tirador de leite” e não ordenhador. No entanto, a maioria de nossos vaqueiros e retireiros bem poderiam ser bons ordenhadores se eles mesmos ou os seus patrões quizessem atender aos conselhos dos técnicos. A ordenha não consiste apenas em tirar o leite, e sim em saber tirá-lo, sem prejudicar a vaca e em boas condições de higiene.

HÁBITOS PERNICIOSOS

Vamos passar, em ligeira revista, alguns hábitos perniciosos de nossos “tiradores de leite”. Por exemplo: dar arrancos no têto das vacas. É esta uma das causas das mamites; além disso, êstes arrancos concorrem para o crescimento exagerado das têtas, o que é causa também de acidentes e ferimentos perigosos. O “tirador de leite” dá arrancos, mas o ordenhador procede da seguinte maneira: comprime os têtos com os dedos contra a palma da mão e isso sem sacudir os braços como se estivesse dançando uma valsa... O ordenhador, assim, não machuca o úbere do animal e estimula realmente as glândulas produtoras de leite.

Outro hábito pernicioso: ordenhar a vaca estando com as unhas compridas e sujas.

Outra prática condenável: amaciar a têta da vaca com a espuma do leite.

A maioria dos nossos vaqueiros ainda tira leite sem cuidar da higiene pessoal, mas isto pode ser modificado desde que os patrões ensinem e insistam na prática dos hábitos higienicos. Ao invés de passar a espuma do leite, para amaciar e limpar a têta da vaca, o vaqueiro deve ser instruído por exemplo no sentido de passar um pano úmido, limpo. Além disso, lavar as mãos

Qualidade do bom ordenhador

Darwin de Rezende Alvim

Zootecnista da Fazenda de Criação
do Vale do Rio Doce

O que há muito por aí afora, nas fazendas de criação de gado leiteiro, é “tirador de leite” e não ordenhador. No entanto, a maioria de nossos vaqueiros e retireiros bem poderiam ser bons ordenhadores se êles mesmos ou os seus patrões quizessem atender aos conselhos dos técnicos. A ordenha não consiste apenas em tirar o leite, e sim em saber tirá-lo, sem prejudicar a vaca e em boas condições de higiene.

HÁBITOS PERNICIOSOS

Vamos passar, em ligeira revista, alguns hábitos perniciosos de nossos “tiradores de leite”. Por exemplo: dar arrancos no têtto das vacas. E’ esta uma das causas das mamites; além disso, êstes arrancos concorrem para o crescimento exagerado das têtas, o que é causa também de acidentes e ferimentos perigosos. O “tirador de leite” dá arrancos, mas o ordenhador procede da seguinte maneira: comprime os têtos com os dedos contra a palma da mão e isso sem sacudir os braços como se estivesse dançando uma valsa... O ordenhador, assim, não machuca o úbere do animal e estimula realmente as glândulas produtoras de leite.

Outro hábito pernicioso: ordenhar a vaca estando com as unhas compridas e sujas.

Outra prática condenável: amaciar a têtta da vaca com a espuma do leite.

A maioria dos nossos vaqueiros ainda tira leite sem cuidar da higiene pessoal, mas isto pode ser modificado desde que os patrões ensinem e insistam na prática dos hábitos higienicos. Ao invés de passar a espuma do leite, para amaciar e limpar a têtta da vaca, o vaqueiro deve ser instruído por exemplo no sentido de passar um pano úmido, limpo. Além disso, lavar as mãos

antes de cada ordenha. O bom ordenhador não usa baldes sujos, por exemplo.

QUALIDADES DO ORDENHADOR

Além dos hábitos de higiene e dos cuidados especiais na ordenha do leite, o vaqueiro ou retireiro deve prestar sempre especial atenção aos animais. Assim, por exemplo, quando uma vaca diminui, de repente, a quantidade de leite, deve logo investigar a causa ou chamar a atenção do patrão para o fato. Qualquer ferimento no úbere do animal precisa ser tratado imediatamente.

As boas qualidades do ordenhador traduzem-se geralmente, por uma melhor produção leiteira do rebanho. Não só as vacas passam a produzir em maior quantidade, como ainda o leite, melhora em qualidade, e, tratando-se de um alimento destinado ao homem, esta deve ser uma das preocupações mais essenciais do criador de gado leiteiro.

—x—

Sementes híbridas para o algodão

AS POSSIBILIDADES DA GENÉTICA NO AUMENTO DA PRODUÇÃO POR UNIDADE DE ÁREA

Oswaldo Bastos de Menezes
Engenheiro Agrônomo

O algodoeiro, como planta tradicional da economia brasileira, oferece uma série de problemas em estudo, entre os quais vou situar o da possibilidade de semente híbrida. Fisiologicamente, ela representa um organismo vital em cujo recesso se encontra toda sua carga hereditária. Como organismo, seu patrimônio genético é uma como súpula das gerações que lhe deram origem, variando, assim, seu valor, de acôrdo com o mérito de seus genearcas.

puras de algodoeiros, entre indivíduos da mesma espécie. O primeiro autor assinala 25% a mais de produção de sementes do híbrido em relação às linhas cruzantes, e os segundos, entre vários casos, referem-se a um híbrido cuja produção foi 33,9% superior a dos pais.

A ORIENTAÇÃO PARA OBTER SEMENTES HÍBRIDAS

Estamos, é de ver, frente a um tema novo de investigação. A aplicação prática, ou a visão dessa aplicação, já está nas cogitações de outros povos, e não é fora de propósito iniciarmos nossas pesquisas nesse particular.

O passo inicial será a escolha do material a cruzar. Deve-se escolher linhas purificadas pelo menos durante umas 3 gerações e, se possível, de origem genealógica diversa (genetic diversity), a fim de que o germoplasma contenha maior número de gens heteróticos. Convém escolher as linhas à base de sua aplicação combinatória, para isso, cruzando-as com uma variedade testemunha. Esse julgador "cego" mostrará quais as linhas de maior potencialidade heterótica.

Escolhidas as linhas puras, far-se-á o cruzamento entre elas, na base de hibridação simples, para efeito de obter as sementes híbridas.

O problema é um pouco difícil devido ao tipo de polinização do algodoeiro. A produção de sementes F1, à base de hibridação manual, limita a aplicação do método. A solução está em fazê-la através da polinização cruzada naturalmente, e aí reside o pormenor de se conhecer, na zona de trabalho, qual é essa porcentagem.

É possível que em regiões de grandes culturas a porcentagem seja elevada e, nesse caso, as linhas puras são plantadas adjacentes para efeito dessa hibridação natural.

O delineamento dessas operações evidentemente que só poderá ser feito nas Estações Experimentais, com as variações de técnica ao alcance de cada pesquisador. Fatôres, mesmo, como "male sterility" devem ser procurados, pois esse gen pode vir a ser utilizado nos trabalhos.

- 1 — MENEZES, OSVALDO BASTOS DE, 1950 — A polinização cruzada no guando (*Cajanus indicus*) — 1a. Reunião da Soc. Bot. Bras.
- 2 — WARE, J. O., 1927 — The inheritance of red plant color in cotton Ark. Agr. Exp. Sta. Bul. 220.
- 3 — BROWN, H. B., 1937 — Vicinism or natural crossing in cotton. Miss Agr. Exp. Sta. Tech. Bul. 13.
- 4 — KIME P. H., TILLEY R. H., 1947 — Hybrid vigor in copland cotton. Jour. Amer.-Soc. Agron. 39: 308-317
(Comunicado de Divulgação Técnica N. 1 — Distribuído pelo S. I. A. em Janeiro de 1952).

Nota: Este trabalho foi apresentado à Reunião Algodoeira do Nordeste, em abril de 1950.

—x—

O peão

Darwin de Rezende Alvim

Zootecnista da Fazenda de Criação
do Vale do Rio Doce

Vamos abordar, neste artigo, um assunto raras vêzes tratado: a definição e classificação dos trabalhadores do campo, de acôrdo com os serviços que êles executam na fazenda. São êstes trabalhadores que, pelas suas qualidades ou predicados profissionais, exercem expressiva influência na vida da fazenda, relacionada com os bons ou maus resultados colhidos no setor pastoril. Daí ser interessante conhecê-los melhor e classificá-los de acôrdo com suas características preferenciais na lida com os animais.

De modo geral, o homem admitido para o trabalho com o gado é chamado de *Peão*. Mas de acôrdo com suas funções, êle pode ser denominado diferentemente. Assim temos o peão de pasto ou campeiro, o vaqueiro, o retireiro, o domador, o tratador, etc. Vejamos, portanto, em relação ao Vale do Rio Doce, como são definidos ou classificados alguns dêstes tipos de peão.

CAMPEIRO

E' o peão de pasto, mais afeito à lida com o gado de corte. Não pode nem deve ser homem estouvado, barulhento, abrutalhado ou violento, porque essas maneiras espantam e amedrontam o gado. Seu trabalho é importantíssimo. Examina os pastos, verifica a integridade das cêrcas e tapumes, distribui o sal no côcho, trata os animais doentes, e é dêle que depende, em grande parte, o bom ou mau resultado na exploração de qualquer rebanho mantido em extensas pastagens. Deve, como qualidade excepcional, possuir acurado espirito de observação, capaz de notar a falta de determinado boi branco embora todo o rebanho se componha de bois brancos...

O campeiro só anda a cavalo e esta é outra sua característica. Prefere os animais bem ajoezados, e até mesmo enfeitados. Nunca dispensa o cavalo para o seu serviço.

VAQUEIRO

Este é o peão de curral, trabalhando, geralmente, com o gado leiteiro, e dispensando o cavalo para as lides de campo. Deve ser homem calmo. O indivíduo nervoso, neurastênico, nunca deverá ser admitido como peão de curral. Precisa, também, ter grande senso de observação, de modo a perceber logo a primeira manifestação de mudança nos hábitos ou no aspecto dos animais sob sua guarda. Êle tem de reunir várias qualidades: ser um bom ordenhador, saber medicar o animal, controlar a alimentação dos bezerros, e, principalmente, saber que os animais de leite não podem ser tratados com violência, à pancadas, ou com berros e correrias.

RETIREIRO

Esta designação é reservada para o peão que vive afastado do curral da fazenda, tendo sob sua responsabilidade um pequeno número de vacas leiteiras. Faz trabalho individual e só recebe ajuda de sua família, mulher ou filhos. Sabe lidar com os

animais, mas quando adoece algum, sempre manda chamar o vaqueiro para orientá-lo a respeito do tratamento.

PEÕES DE COMITIVA

São assim chamados os homens que conduzem o gado nas estradas em demanda aos centros consumidores (estações de estrada de ferro, matadouros, etc.) De acôrdo com o trabalho que executam na caminhada, têm denominações diferentes. O chefe, o responsável pelo gado, é chamado Capataz de Comitiva, e é sempre um peão muito experimentado, conhecedor das manhas do gado e capaz de contar, sem êrro, todo um rebanho que passe por uma porteira...

PONTEIRO

O peão que guia a boiada e "boia", com a bôca, cantando ou com o berrante, é o ponteiro. Deve ser um individuo excepcional, muito ativo e cuidadoso. O Gado acaba se habituando à sua cantarola e o acompanha fielmente. O ponteiro, além da função de guia, tem também o trabalho de escorar o gado quando êsse quer caminhar muito depressa ou tende a estourar para a frente.

SENTINELA

E' a designação do peão do meio da boiada. Seu trabalho consiste em facilitar a infiltração de veículos através dos animais, e sua responsabilidade se resume em manter os animais no meio da estrada, evitando o desgarramento de bois ariscos.

CULATREIRO

E' o peão da retaguarda. Não só se encarrega de ir ao encontro dos animais fugidos, como ainda é quem cuida dos que ficam feridos ou adoecem e, por isso devem caminhar mais vagarosamente.

DOMADOR E ACERTADOR

São os especialistas em dominar os animais chucros. Um bom domador deve vencer o animal sem brutalidade e sem forçá-lo aos tradicionais corcovos. Seu trabalho consiste, apenas, em fazer com que o animal se habitue ou aceite arreios. O trabalho de amestramento é feito por outro peão, chamado "acertador". São profissionais inteiramente diferentes, e é sempre difícil que um bom domador seja também um bom acertador.

TRATADOR

Este é outro tipo de peão. E deve ser especializado, isto é, deve ser um peão habituado, desde cêdo, com um determinado serviço. Um tratador de gado leiteiro dificilmente pode ser um bom tratador de gado zebú. A principal qualidade do domador é a vaidade, que êle exhibe mostrando os animais sob seus cuidados sempre bem arraçoados e bem tratados.

Estes são os principais tipos de peão que trabalham na zona do Vale do Rio Doce.

— x —

As boas porcas têm boas têtas

Octavio Domingues

Zootecnista

Há coisas de aparente não importância, na criação dos animais, que precisam ser consideradas de modo mais sério e atentamente. Uma delas é o exame das têtas nas porcas crideiras, que ninguém faz, ou se faz é quando já houve prejuízo. E, ao procurar-se a causa dêste — dá-se nessa — coisa desconcertante: deficiência do aparelho mamário, e por isso a porca cria mal,

ou não cria seus leitões. Ora, para tais casos é que se fez o ditado: antes prevenir que remediar.

A boa genealogia (pedigree) da porca e sua beleza de formas, se valem muito — não é tudo em matéria de boa criadeira.

O número de têtas, que ela apresenta, é de importância fundamental, porque sem boas têtas não há leite e sem leite não adianta genealogia apurada, nem beleza exterior.

OS CARACTERÍSTICOS A EXAMINAR

Cada porca criadeira — pura, mestiça ou comum — *desde que se destina à reprodução* — deve ter, pelo menos, seis pares de têtas bem conformadas e correspondentes, cada uma, a um peito normal, desenvolvido e capaz de ser ativado no processo de aleitamento dos leitões.

Outro ponto a verificar, é que tenham igual número de têtas de cada lado, ao longo da barriga.

Além do número (seis pares de têtas, no mínimo) temos que examinar sua disposição: regularmente equidistantes, com espaço suficiente para que os leitões possam pegar a teta sem estorvar os outros.

Porcas com têtas desiguais devem ser eliminadas da criação. Porcas com têtas caídas também são indesejáveis, pelo risco de se traumatizarem facilmente, nas caminhadas pelo pasto.

Pela apalpação e pelo volume que apresentam nos fins da prenhez — os peitos podem ser avaliados, se bons ou ruins.

A última escolha é feita, finalmente, quando a porca está criando: é preciso vêr se os peitos bem conformados, bem dispostos e em número de doze no mínimo — estão ativos, dando leite suficiente. Se não, a porca deve ser eliminada porque se trata de uma condição prejudicial à criação da geração dos novos leitões, e hereditária (desde que, é obvio, ela esteja sendo alimentada racionalmente).

OS DEFEITOS SÃO HEREDITARIOS

Uma porca má criadeira, por ter poucas têtas ou por apre-

sentar algumas têtas fora de função ou ainda por produzirem pouco leite, pode gerar filhos com alguns dêsses defeitos. Tanto se trata de uma condições hereditária, que a consideração do número de têtas e sua disposição deve prevalecer na escolha do varrasco

O criador deve selecionar suas porcas pela genealogia (pedigree); selecionar pelo número de leitões que ela gera e é capaz de criar; selecionar pela sua conformação quanto à raça, e quanto ao tipo (banha ou carne) e suas qualidades produtivas. Mas selecionar também pelo aparelho mamário que elas têm.

Manual do Criador de Bovinos

BREVEMENTE

A Fazenda de Criar, Raças e Tipos, Alimentação, Criação, Engorda, Produção de Leite e Trabalho, Higiene e Moléstias

5a. EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA — 1952

Prof. NICOLAU ATHANASSOF

Ex-Catedrático de Zootecnia Especial da
Escola Superior de Agricultura «Luiz
de Queiroz» da Universidade de S. Paulo

Pedidos à

EDIÇÕES MELHORAMENTOS - C. Postal 8120 - S. Paulo
e a REVISTA DE AGRICULTURA - C. Postal 60 - Piracicaba

PREÇO Cr\$